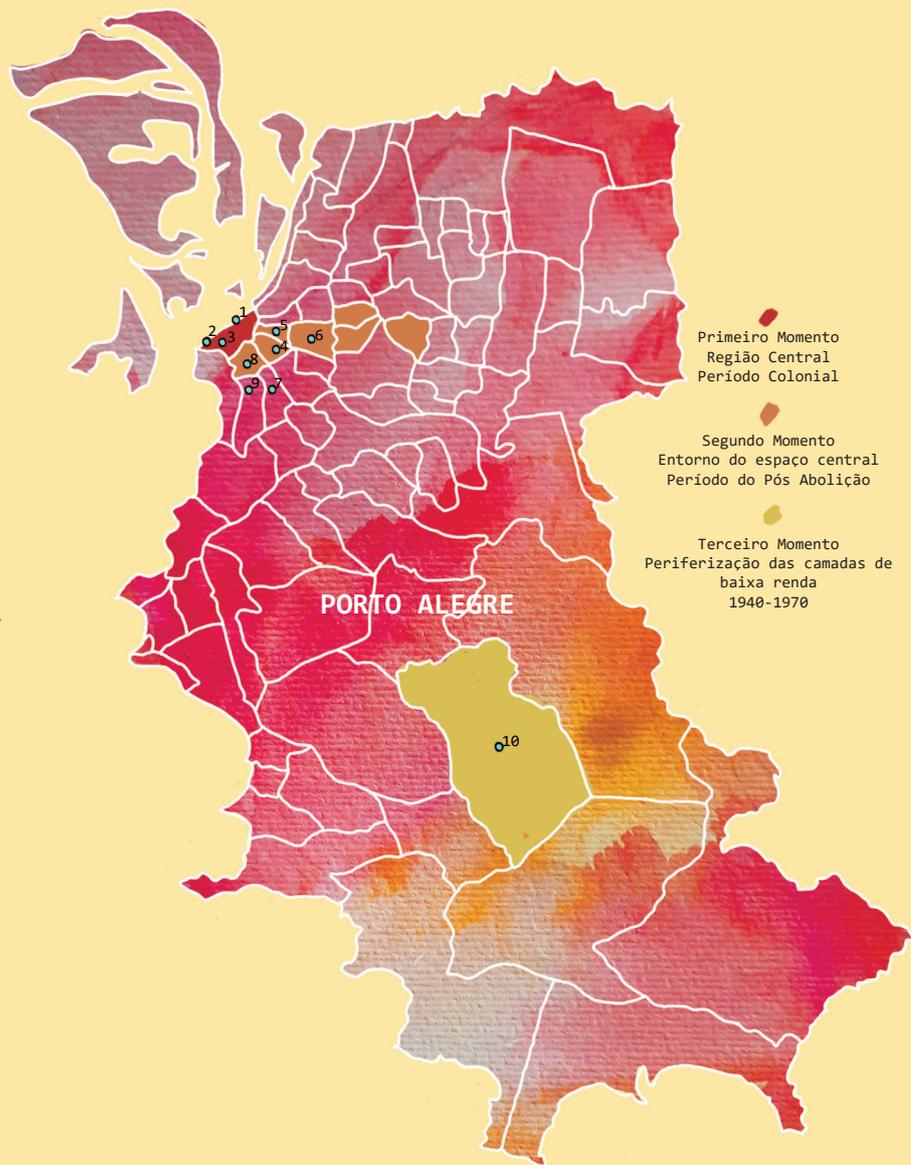


ALAN ALVES BRITO

# BARBARA

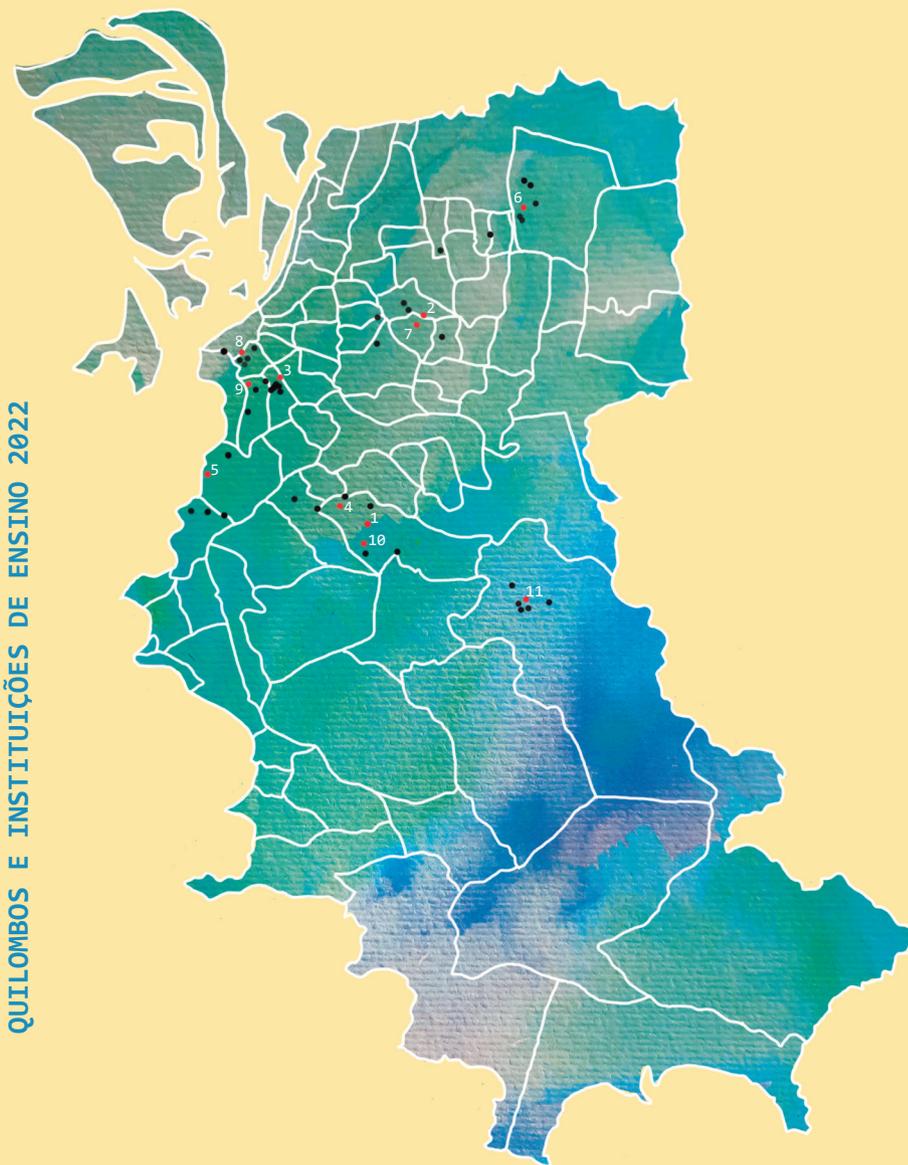


pragmatha



- 1 - Mercado Público de Porto Alegre - Pág. 6-11
- 2 - Largo da Forca, Praça Brigadeiro Sampaio - Pág. 12-15
- 3 - Pelourinho, Igreja Nossa Senhora das Dores - Pág. 16 e 17
- 4 - Redenção (Parque Farroupilha) - Pág. 18 e 19
- 5 - Bonfim (bairro) - Pág. 20 e 21
- 6 - Rio Branco (bairro) - Pág. 22 e 23
- 7 - Ilhota, Teatro Tesourinha (Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos) - Pág. 24 e 25
- 8 - Largo Zumbi dos Palmares - Pág. 26 e 27
- 9 - Quilombo do Areal da Baronesa - Pág. 28 e 29
- 10 - Restinga (bairro) - Pág. 30 e 31

Adaptado de Daniele Machado Vieira, 2017. Páginas 160 e 161.



● Colégios, Escolas e Institutos

- 1 - Quilombo Africano Santa Luzia
- 2 - Quilombo Caddie
- 3 - Quilombo da Família Fidélix
- 4 - Quilombo da Família Flores
- 5 - Quilombo da Família Lemos
- 6 - Quilombo da Família Machado
- 7 - Quilombo da Família Silva
- 8 - Quilombo da Mocambo
- 9 - Quilombo do Areal
- 10 - Quilombo dos Alpes
- 11 - Quilombo Família de Ouro

Adaptado de Cláudia Luisa Zeferino Pires e Lara Machado Bitencourt.  
Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre, 2021.

Texto por Alan Alves Brito  
Ilustrações de Brenda Klein



# BARA

CORPOS-TERRITÓRIOS EM R(EXISTÊNCIA)

Pragmatha  
São Paulo  
2022

PROJETO ZUMBI-DANDARA DOS PALMARES  
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros,  
Indígenas e Africanos - PROEXT/UFRGS

PROJETO AKOTIRENE KILOMBO CIÊNCIA  
Programa Ciência na Escola, Ciência na Sociedade  
PROPESQ/UFRGS

TEXTO POR ALAN ALVES BRITO

Contato com o autor:  
alves.brito.a@gmail.com

ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO DE BRENDA KLEIN

Contato com a ilustradora:  
brendaklein00@gmail.com

Conto inspirado na dissertação de mestrado Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano, da Professora Daniele Machado Vieira.

**CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.**

B862b Brito, Alan Alves.  
Bará: corpos-territórios em (existência) / Alan Alves Brito ; ilustrações de Brenda Klein. – Porto Alegre: Projeto Zumbi-Dandara dos Palmares Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos / PROEXT/UFRGS : Projeto Akotirene Kilombo Ciência Programa Ciência na Escola, Ciência na Sociedade / PROPESQ/UFRGS, 2022.

[36] p. : il. p&b.

Conto inspirado na dissertação de mestrado Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano, da Professora Daniele Machado Vieira.

ISBN 978-65-86926-74-3

1.Contos brasileiros. 2.Literatura brasileira – Rio Grande do Sul. 3.Exu (Orixá). 4.Orixás. 5.Cultura afro-brasileira. I.Klein, Brenda. II.Título.

CDU 869.0(81)-34

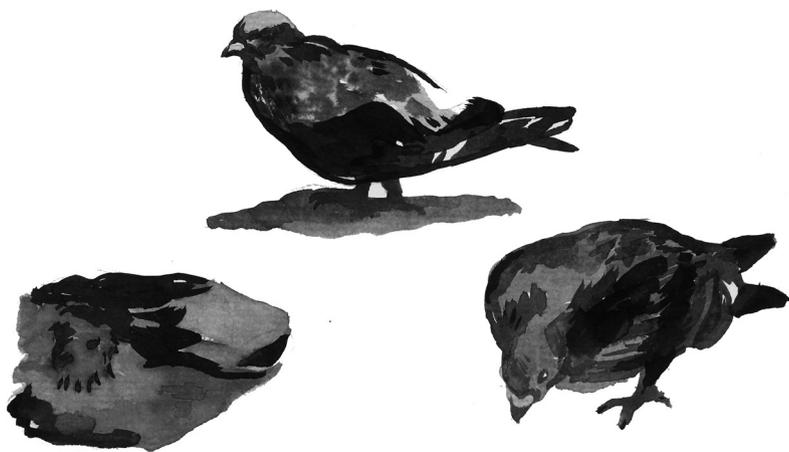
869.0(816.5)-34

299.6

Catálogo na publicação:  
Biblioteca Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

PORTO ALEGRE, 2022





AOS DOCENTES E DISCENTES DA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR QUILOMBOLA DO BRASIL.



# Apresentação

O texto literário Bará foi escrito originalmente para compor a seleta coleção de contos Cadernos Negros 44, cuja série anual Cadernos Negros foi criada em 1978, dando visibilidade para a literatura afro. Inspirado na dissertação de mestrado Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano, da geógrafa e professora da educação básica de Porto Alegre Daniele Machado Vieira, o presente trabalho artístico-científico-literário compõe o conjunto de materiais didáticos-pedagógicos dos projetos Zumbi-Dandara dos Palmares e Akotirene Kilombo Ciência. Bará, um corpo-território em suas reflexões críticas acerca da vida, revela aos leitores alguns dos territórios negros de Porto Alegre, de forma que a presente proposta materializa um Mapa Histórico sensível e insurgente em que as lógicas racistas são contrapostas pela luta e pela resistência aquilombada na memória, nas encruzilhadas entre variados marcadores sociais da diferença.

“Bará”, no contexto das cosmologias de matriz africana, é Exu, uma divindade masculina ligada aos caminhos, à dialética e aos movimentos. Exu é o contraponto. No contexto do conto, Bará é uma mulher porque toda pessoa tem seu próprio “bará”, seu Exu, sua força vital (o axé) que habita em cada um/a. O termo “bará” forma-se a partir da junção de palavras em Yorubá: “ba” (verbo esconder) + “ara” (corpo); “ba” (em companhia de) + “ara” (corpo). Bará seria então o Exu (um Orixá) que está em nós, e isso independe do gênero. Na cosmologia Yorubá, “masculino” e “feminino” se complementam, não obedecem à lógica dual europeia/moderna. Exu é a essência dos seres humanos e, no presente texto, trabalha-se a essência do feminino (que contempla o masculino), atravessada pelas “encruzilhadas” das geografias e das cartografias sociais ali representadas. Além disso, há, historicamente, com base em dados da oralidade, um “bará” assentado no Mercado Público de Porto Alegre, onde o conto começa. Então é este Bará, esta



força invisível no universo criativo do autor, que vai percorrendo os territórios negros de Porto Alegre. Todas as pessoas, independentemente se homem ou mulher, têm um bará, aquele/a que habita a humanidade no seu sentido mais profundo e cosmologicamente conectado com o mundo, em sua dinâmica exuística.

Bará, em sua essência feminina pode, certamente, proporcionar estranhamento, mas também reflexões. O texto não pretende, em hipótese alguma, retratar a mulher negra de uma forma estereotipada. Como parte do racismo estrutural, os corpos negros são ainda maioria a viver nas ruas e têm sofrido, historicamente, como parte do racismo ambiental, variados e complexos processos de desterritorialização, sendo deslocados de seus lugares de origem para as periferias das cidades e dos centros de poder. Há, em Porto Alegre, bairros inteiros que, em séculos passados eram territórios negros mas que sofreram, no século XX, a violência do racismo sendo desde então bairros brancos que seguem as lógicas neocoloniais e neoliberais do projeto moderno e contemporâneo de sociedade. É o racismo epistêmico que inferioriza os corpos negros e, portanto, é dever da escola antirracista, comprometida com a transformação social, elaborar outros imaginários sociais e simbólicos a respeito da presença/ausença negra sem, no entanto, esquecer a história, por mais triste e dura que ela seja.

O presente projeto marca o racismo e o que este é capaz de construir, materialmente e simbolicamente. A ideia principal por trás deste trabalho é trazer os territórios e os corpos negros de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, seguindo o conceito contemporâneo de quilombo na perspectiva da grande pensadora e historiadora negra Beatriz Nascimento sem, no entanto, perder de vista as violências estruturais.

Laroyè, Bará! (saudação a Exu em Yorubá).



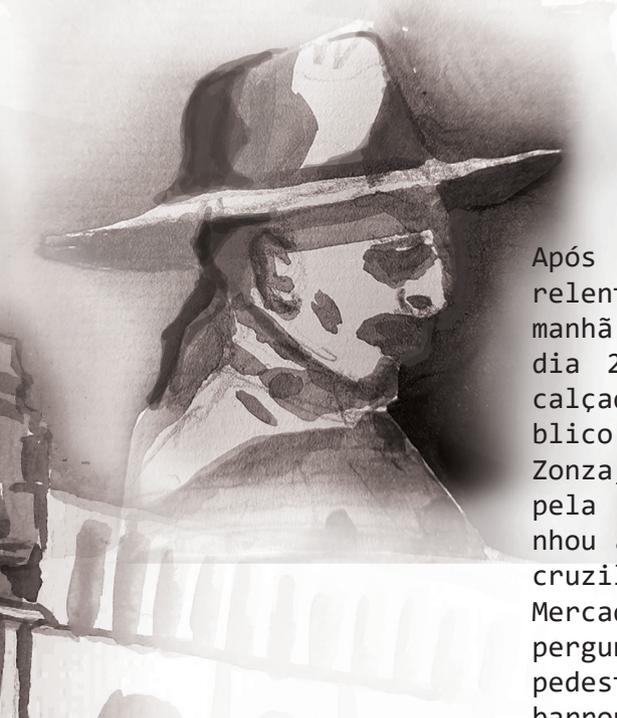
Bará era uma mulher negra, magra, alta como coqueiro, cabelos crespos ao estilo rastafari. Usava um vestido vermelho longo, onde os pés grandes e descalços se sobressaíam. À cabeça, levava um ojá que parecia abraçar as tranças do cabelo ancestral. Seus braços e pulsos estavam adornados por joias que lembravam a realeza africana.



Glênio Peres  
Largo Jornalista Glênio Peres

Glênio Peres  
Largo Jornalista Glênio Peres





Após mais uma noite ao relento, Bará deixou, na manhã de segunda-feira, dia 20 de novembro, a calçada do Mercado Público de Porto Alegre. Zonza, orientada apenas pela luz do dia, caminhou até a primeira encruzilhada ao sul do Mercado e, de sopetão, perguntou ao primeiro pedestre em quem se esbarrou:

- Quero falar com o senhor Custódio Joaquim de Almeida.

- Joaquim quem?

- Custódio Joaquim de Almeida. O Osuanlele Okizi Erupê. O Príncipe de Ajudá.

- Do que você está falando? Onde você pensa que está, gurria? Estamos no meio da rua.

- E Oliveira Silveira? Você o conhece?

- Minha filha, pelo amor de Deus, em que mundo você anda? Bahhhh! Que coisa! Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece.



Sem ser ouvida, Bará teve náuseas. Enjoada de fome, vomitou o vácuo que levava no estômago. Desvaneceu-se ali mesmo na encruzilhada, como se despacho fosse. Passantes, em suas pressas cotidianas, acelerados pelo tic-tac da modernidade, caminhavam indiferentes próximos ao corpo raquítico e desnudo arriado na calçada, ao lado de um saco de lixo encostado ao poste. Uma senhora requintada, em sua caminhada corriqueira do meio-dia, puxava com força a coleira de sua cadela, tão fina quanto a dona, antes que esta ousasse cheirar aquele corpo sujo jogado à sorte.







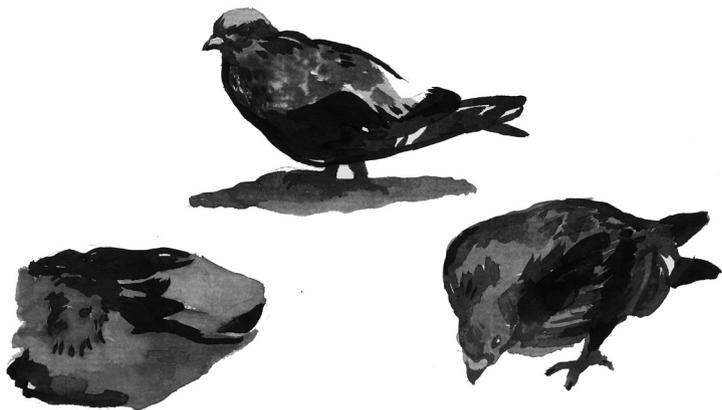


O Sol já estava a pino. Por-  
to Alegre, 40 graus. Bará,  
cambaleante e bêbada pelas  
desilusões da vida, encon-  
tra forças para sozinha se  
levantar e caminhar solitá-  
ria em direção ao Largo da  
Forca, na Praça Brigadeiro  
Sampaio.



Concorrendo com os pombos, desfalece o corpo fraco num banco público da praça e, sem vontade de abrir os olhos, sente apenas a luz do Sol arder a sua pele preta enquanto o céu azul anil de Porto Alegre lhe prometia dias melhores. Após algumas horas ali esquecida, levanta-se. Pede pão e café com leite na padaria da esquina.

- Tome. Mas saia daqui. Não quero te ver tão cedo importunando o meu negócio. Busque o seu caminho e, de preferência, bem longe de mim. Vá! Caminhe até onde os meus olhos não te alcancem mais.





E assim o fez. Caminhou em direção ao Pelourinho, na Igreja Nossa Senhora das Dores. Subiu as escadas íngremes contando os degraus um por um, numa obsessão que lhe era peculiar e, lá de cima, olhando para as águas amareladas pelo tempo do Lago Guaíba, imaginou-se a noiva mais imponente da cidade. Enxergou os seus convidados e se projetou ouvindo a “Ave Maria” de Schubert, naquela cidade orgulhosa de seus sobrenomes com “esses-cês-agás”, “tês dobrados” e tantas temporalidades alvas que contrastavam o “alvo” de sua pele. Rindo da própria tristeza, inventou que jogava para o alto os seus sonhos e a sua própria vida, mas sem ninguém às suas costas para agarrá-los. Não deveria haver continuidade a sina tão cruel, pensava. Perto dali, ouviu os sinos ensurdecadores da catedral que fizeram os seus pensamentos um vulcão em erupção seguido de um forte tsunami de sentimentos que arrasaram a geografia da sua pobre existência, deixando morte pelo caminho.

Bará não entrou na Igreja Nossa Senhora das Dores. Não era bem-vinda.





VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA

Apressadamente, ela desceu as escadas do seu martírio correndo feito um faminto leopardo em direção ao Campo da Redenção. Lá chegando, propagou-se livre entre as alamedas e a vida selvagem por natureza, ouvindo os tambores dos batuques de outrora que ali aconteciam. Tentou subir numa árvore. Deslizou. Assustou-se com a quantidade de corpos cabisbaixos, silenciados, mortos-vivos que ali perambulavam, quase numa versão narcísica de si mesma, refletida no seu próprio espelho, meio a destinos imperfeitos e às sobras da existência fragilizada. Acercou-se de uma árvore e, conversando com ela, descobriu segredos das pessoas que ali viviam, cochichados ao ouvido encostado no tronco da anciã. Ouviu histórias de medo e de resistência.



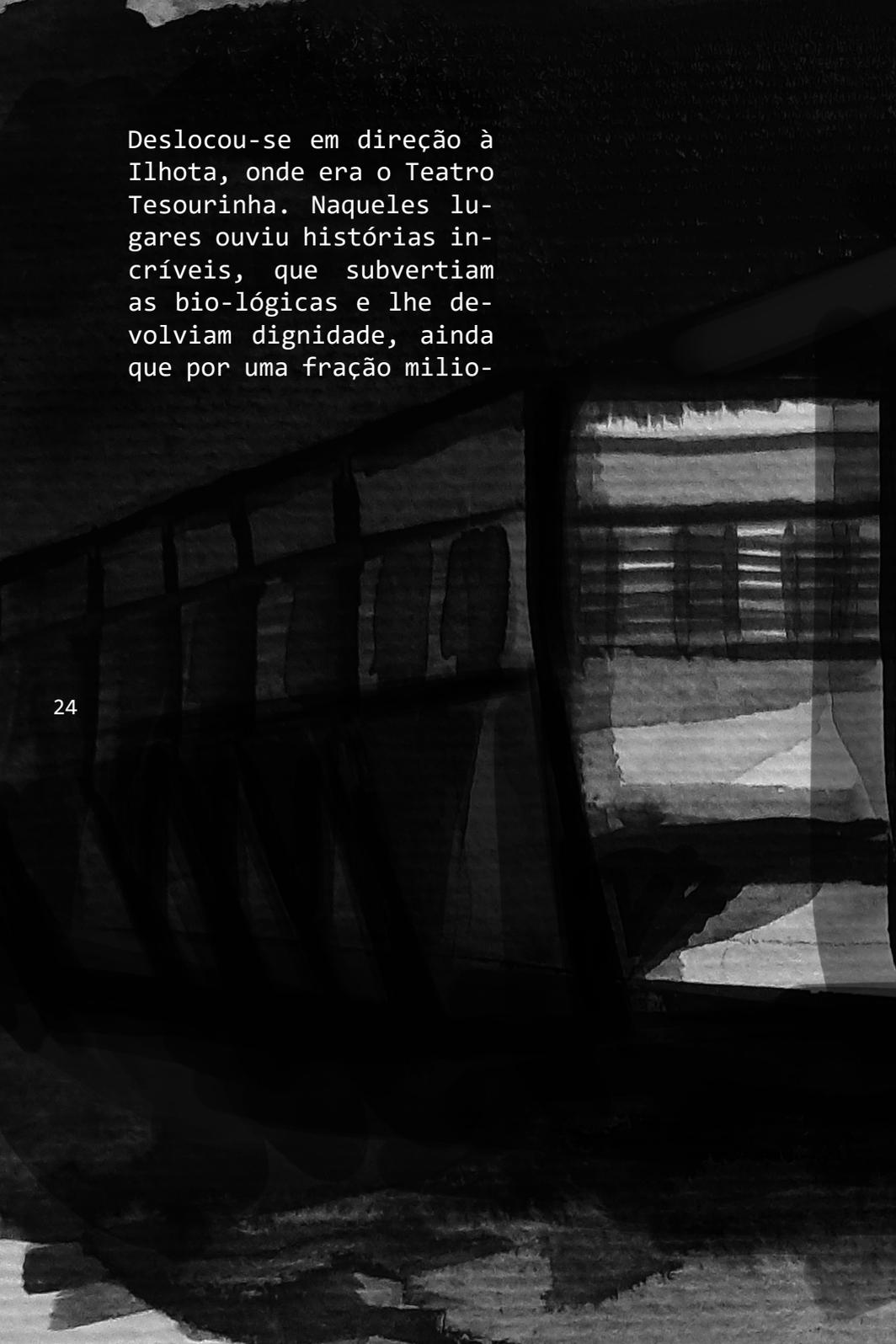


Cansada, adormeceu entre os caminhos bucólicos do Parque e, quando o Sol já havia quase partido, atravessou a rua e seguiu, admirando-se com as luzes e a boemia do Bonfim, com suas caras desconhecidas, seus homens todos iguais com jubas de leão.



Atravessou como mosca o ar soberbo  
do Rio Branco, antiga Colônia Afri-  
cana e, ali, visitou os subterrâneos  
da experiência de ser ratazana.  
Rio. Branco. Riu.

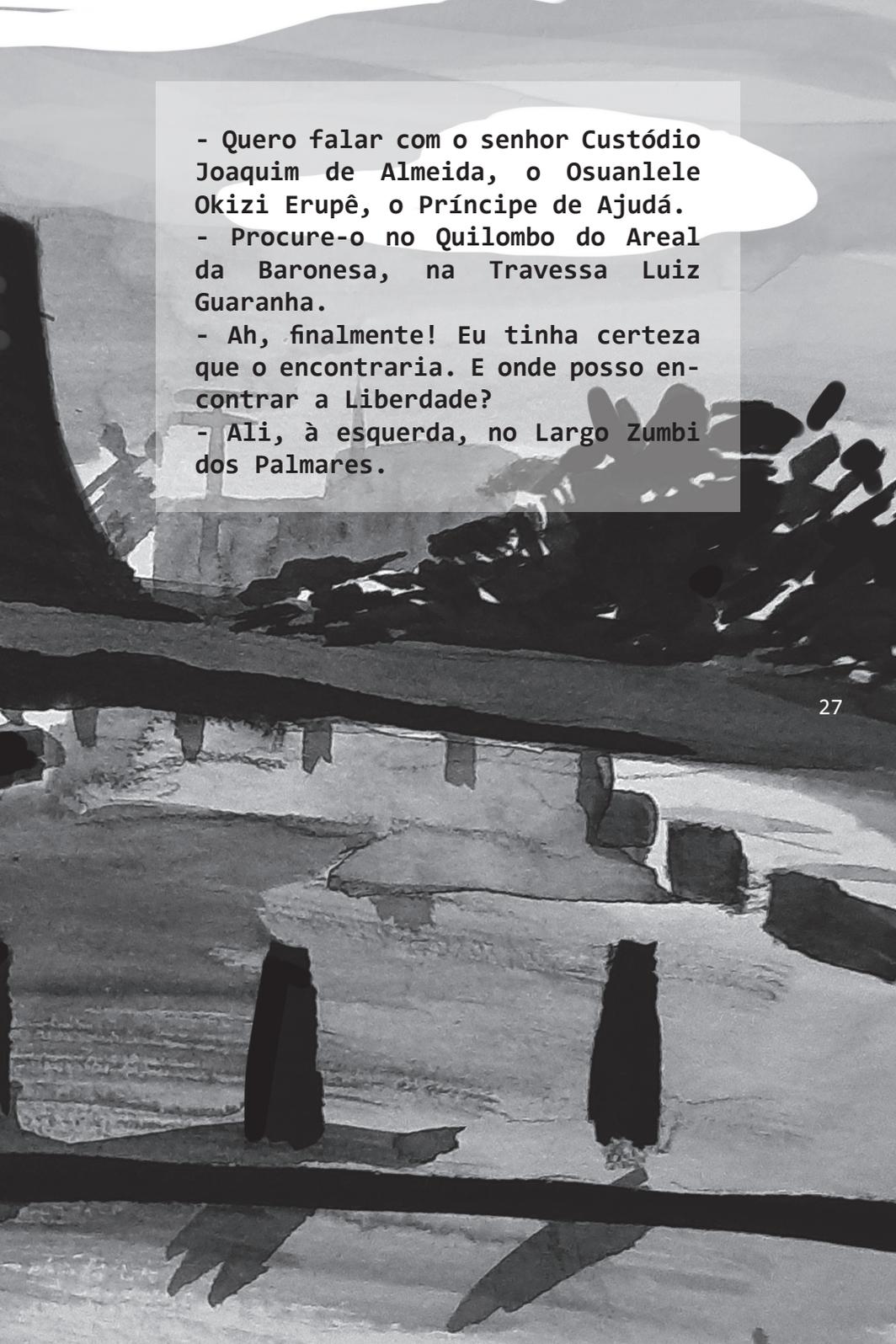
Deslocou-se em direção à Ilhota, onde era o Teatro Tesourinha. Naqueles lugares ouviu histórias incríveis, que subvertiam as bio-lógicas e lhe devolviam dignidade, ainda que por uma fração milio-





nésima de segundos de um  
pulsar perdido numa rá-  
dio-galáxia distante. E  
eram elas, as ondas me-  
cânicas plasmadas em sua  
voz rouca abafada pela  
violência que, uma vez  
mais, se projetavam num  
vazio sem fim:





- Quero falar com o senhor Custódio Joaquim de Almeida, o Osuanlele Okizi Erupê, o Príncipe de Ajudá.

- Procure-o no Quilombo do Areal da Baronesa, na Travessa Luiz Guaranha.

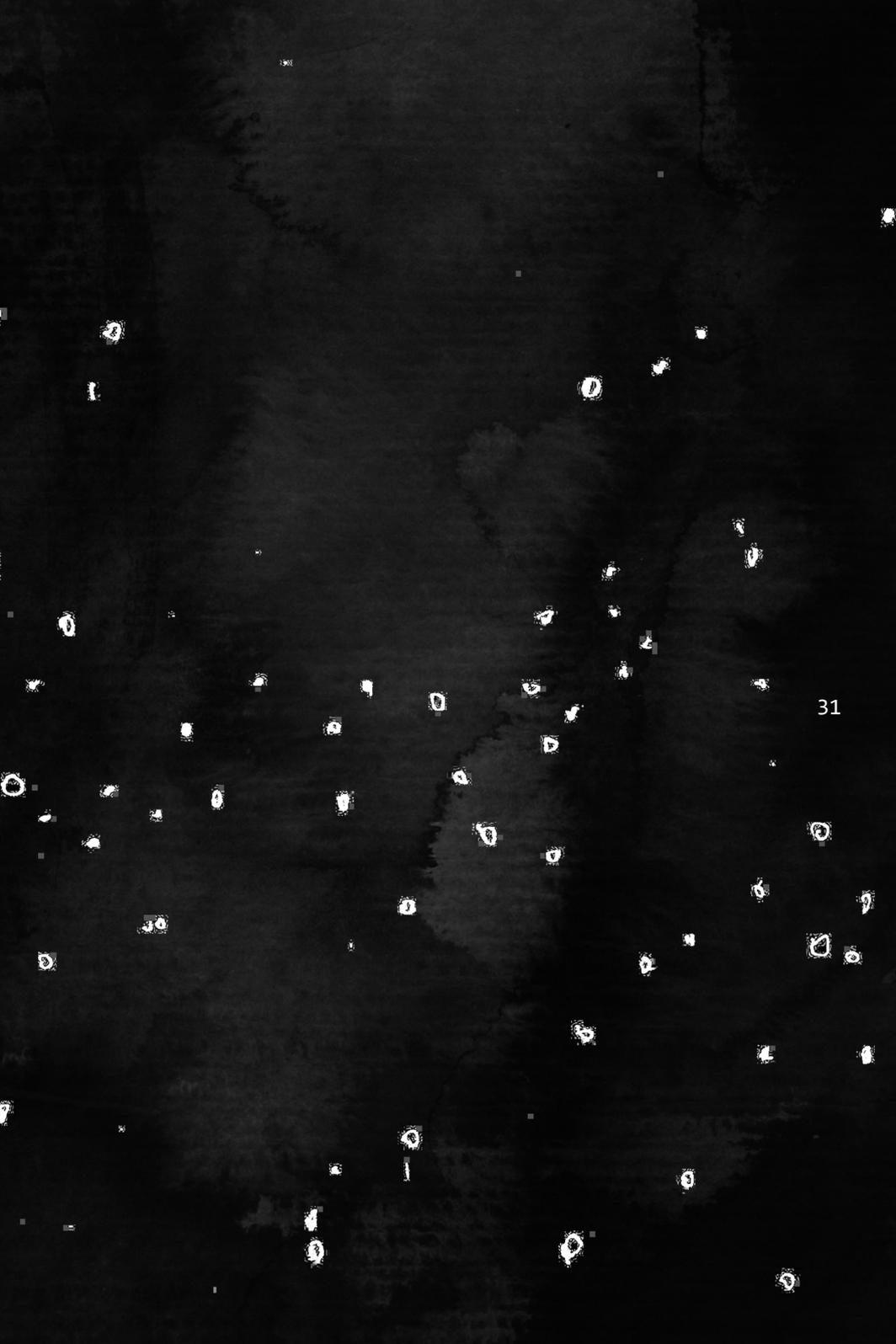
- Ah, finalmente! Eu tinha certeza que o encontraria. E onde posso encontrar a Liberdade?

- Ali, à esquerda, no Largo Zumbi dos Palmares.

Sem perder nem mais um instante, Bará passou a noite comendo carne assada na brasa e rindo da vida com imigrantes africanos. Conheceu um guri que veio a Porto Alegre para uma consulta no dia seguinte no Hospital de Clínicas. Foi amor à primeira vista.



Se apaixonaram e foram viver na Restinga, a 26 km do centro da cidade. Após mais um longo dia pelas ruas, sucumbiram ao cansaço, sem antes deixar de partilhar, em pensamentos, uma roda de chimarrão. Olhando para o céu escuro e incerto, apontaram para as estrelas brincando de ser uma. Nos ouvidos, a felicidade clandestina de Lupicínio Rodrigues e um canto de palha acariciado pelo vento.



## SOBRE O PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO

Ilustrar Bará foi um aprendizado, foi uma tomada de consciência, um olhar para nossas origens e para a segregação e periferização dos territórios negros em Porto Alegre, foi um olhar diferente para a cidade em que nasci. Bará não só conta uma história, Bará representa a história. Uma história narrada a nanquim, material que com seu contraste trabalha o teordoconto, o preto e branco também é ressignificado aqui.

Antes mesmo da ilustração, sempre há um processo de pesquisa, nesse caso, pesquisa de campo, fotográfica, pelos territórios citados, de mapas, do céu noturno visto do hemisfério Sul. Me senti como Bará, percorrendo uma fração do caminho que ela percorreu, senti de certa forma a personagem em mim. Assim se deu este que é o primeiro livro totalmente ilustrado a nanquim na minha caminhada artística e o qual apresento com muito carinho, com a sempre agradável e importante parceria com Alan que me dá liberdade pra criar e também confia nos meus processos. Fico até de certa forma emocionada por fazer parte dessa jornada de estudo de questões étnico raciais que se costumam a conhecimentos como astronomia, geografia, história, arte e tantas outros.

Ser artista é entender de tudo um pouco, conforme as demandas que surgem, e lidar com os desafios da melhor maneira possível. Bará foi desafiador, mas me fez crescer enquanto artista e pessoa. A força da personagem me fez ter força para seguir, para me deslocar da minha realidade e pensar em outras possíveis e trabalhar a empatia e o olhar sobre o outro, principalmente aquele outro ignorado e silenciado, aquele que está ao nosso lado.

Brenda Klein  
Artista ilustradora



FOTO TIRADA NO LARGO DA FORÇA, DEZEMBRO DE 2021, BRENDA KLEIN



## PROJETO ZUMBI-DANDARA DOS PALMARES

34

Projeto promovido pelo Itaú Social, pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), pelo UNICEF, pelo Instituto Unibanco e pela Fundação Tide Setubal, é gestado no âmbito do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da UFRGS, coordenado pelo autor com uma equipe de pesquisadores das ciências exatas e humanas, de escolas e movimentos sociais. O principal objetivo é promover uma radiografia completa dos principais desafios estruturais e pedagógicos da Educação Escolar Quilombola para a promoção da equidade racial no Brasil do século XXI, com foco no Rio Grande do Sul. Início em novembro de 2020 (18 meses).



## PROJETO AKOTIRENE KILOMBO CIÊNCIA

Projeto criado pelo autor e pela Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz), Território de Mãe Preta. Está focado na promoção da equidade racial na Educação Escolar Quilombola e na educação básica pública, aprofundando as relações étnico-raciais e de gênero em suas intersecções e estabelecendo o diálogo intercultural entre as ciências da natureza e os saberes e fazeres indígenas e quilombolas. Início em maio de 2018. Teve patrocínio do Instituto Unibanco, do Itaú Social e Fundação Carlos Chagas em 2018-2019 e, em 2021 (8 meses), teve patrocínio do Museu do Amanhã e do Consulado Britânico. Desde 2019 tem recebido financiamento da UFRGS no âmbito do Programa Ciência na Escola, Ciência na Sociedade da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS.

35





## SOBRE O AUTOR

36

Baiano, doutor e mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Realizou estágios de pós-doutorado no Chile e na Austrália. É professor adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) desde 2014, onde exerce atividades de ensino, pesquisa, extensão, divulgação científica e gestão. Integra o Programa de Pós-Graduação em Física e em Ensino de Física da Ufrgs, preocupado com temas sobre a evolução química da Galáxia, educação e divulgação da Astronomia, voltados à integração e ao diálogo da universidade com a educação básica e a sociedade. Autor de *Astrofísica para a educação básica: a origem dos elementos químicos no Universo* (Editora Appris, 2019 – Finalista do Prêmio Jabuti 2020), *Antônia e a caça ao tesouro cósmico* (Editora Appris, 2020), *Astro-antropo-LÓGICAS: oriki das matérias (in)visíveis* (Editora Marcavisual, 2021) e *Kayode: o caçador de histórias* (Editora Malê, 2021). Tem escrito contos em coletâneas e capítulos de livros.